

“Vidas Sêcas”: apreensão poética do homem, da paisagem e de problemas sociais do Nordeste

Toma-se *Vidas Sêcas*, romance de Graciliano Ramos, para depois de situá-lo no contexto literário brasileiro, estudá-lo como fonte de pesquisa sociológica sôbre o Nordeste e, também, como mensagem de alto valor informativo.

Êstes enfoques não pretendem ser exaustivos, porém breves. São citados trechos do romance, escolhidos sem ordem, para, a partir dêles, chegar-se a conclusões, seja de seu valor como documento sociológico de uma região, seja como mensagem estética.

O fato dos comentários feitos virem a partir das citações do livro torna-os, às vêzes, aparentemente descontraídos ou repetidos. A intenção, porém, é de que o texto ocupe a parte central das observações e dêle realmente resultem todos os comentários.

As ilustrações a êstes comentários poderiam, quase sempre, ter sido muito mais amplas. A brevidade do trabalho, no entanto, força esta restrição.

A essa brevidade propositada deve-se, também, o fato de, conscientemente, ficarem muitos pontos a ser tratados, com perda, assim, de melhor compreensão da obra analisada.

VIDAS SECAS — UM ROMANCE DA DÉCADA DE 30

Que é ser um “romance da década de 30” no contexto literário brasileiro?

Sob a influência dos estudos de Gilberto Freyre, os autores desse momento histórico de nossa literatura conseguem dar uma nova interpretação do Brasil e, através de suas obras, vai se afirmando a tentativa de compreensão do panorama econômico-social do País.

O ano de 1923 marca a chegada de Gilberto Freyre, da Europa, com o feixe de idéias renovadoras que se vão esboçar no livro *Nordeste*, de 1925, e eclodir com o seu *Manifesto Regionalista*, de 1926. *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, aparece, em 1928, seguindo a linha literária traçada pelo movimento do Recife e abrindo a seqüência dos romances da década de 30.

Joaquim Inojosa, Odilon Nestor, José Lins do Rêgo, Olívio Montenegro, Mário Sete, entre outros, são companheiros de Gilberto Freyre como participantes e assistentes do 1.º Congresso Brasileiro de Regionalismo ou na difusão dos valores telúricos percebidos no Brasil, na compreensão de nossas lendas e tradições, assim como na disseminação da problemática homem brasileiro x meio ambiente, tema valorizado como genuinamente nacional. José Lins do Rêgo é, dentre êsses todos, o que guarda ligações mais diretas com Gilberto Freyre. Seus romances do “Ciclo da Cana-de-Açúcar” são uma resultante de *Casa Grande & Senzala*.

Muitos outros escritores trazem, em suas criações, os germes das idéias sociológicas de Gilberto Freyre, sua preocupação em interpretar nossa terra em termos de história, sociologia, economia, política. Entre êles, os chamados “romancistas nordestinos”: José Américo de Almeida, Jorge Amado, Raquel de Queirós, Amando Fontes, Graciliano Ramos — suas figuras principais.

Este último é o que agora, particularmente, nos interessa; destaca-se dos restantes como o mais “independente”, do grupo do Nordeste. Embora, é certo, distinga-se por particularidades caracteristicamente suas, o autor de *Vidas Secas* guarda em comum com as obras inspiradas pelo pensamento de Gilberto Freyre: o brasileirismo da linguagem, ainda que a trate com o respeito de um “clássico” — como a êle chamam seus críticos; a temática; a tomada de personagens que traduzem a psicologia brasileira; a atenção ao homem, em especial,

com relação ao seu meio; a preocupação do sócio-econômico do Nordeste.

Graciliano Ramos é um autor prêso ao regional, embora daí se alce ao universal. Em *Vidas Sêcas*, Fabiano, Sinha Vitória, os meninos são retirantes batidos pelas sêcas e também, pela maestria de seu criador, tipos humanos presos a limitações, cheios de aspirações frustradas e plenos de sentimentos comuns a tóda humanidade. Talvez, a riqueza psicológica de seus personagens e o universal que impregna sua obra, tenham dado aos críticos a impressão de distanciamento dêsse autor dos do grupo nordestino, ao qual, entretanto, pertence, como um preocupado que é, com a problemática dêste pedaço do Brasil — o Nordeste.

Vidas Sêcas, assim como outras obras de Graciliano Ramos, é o romance que tem por palco o Nordeste hostil, embora amado, onde se mexem os homens, limitados pela série de situações difíceis, que a sociedade lhes impõe, comungando, assim, com a dureza da terra, para tornar a vida do “cabra” uma emprêsa quase impossível de ser levada a cabo, sem o desespêro total.

Não importa se na senzala ou no curral, uma vez que é o brasileiro que está prêso nêles, como num círculo de ferro.

LITERATURA PROPONDO-SE A SOCIOLOGIA

A literatura pretende, muitas vêzes, explicar algo da biologia, da física, da sociologia ou de uma outra ciência qualquer. O objeto de estudo, então, pode ser o mesmo da arte verbal e da ciência. O método pelo qual isso é feito, no entanto, varia. Aquilo que é pejorativo para a ciência não o é para a literatura. Ela dá saltos não permitidos à ciência — é mais livre, mais descompromissada. Enquanto que a ciência faz uso de uma linguagem referencial, a literatura serve-se de uma linguagem predominantemente emotiva. No campo do conhecimento, a literatura pode pretender-se, assim, a ciência.

A compreensão da sociologia através da obra de arte é a apreensão poética da sociologia — é *Vidas Sêcas* (1).

A sêca aparecia-lhe como um fato necessário (pág. 44, par. 3).

A conformidade do homem, diante do fato social que lhe esmaga, é prova da sua consciência deformada pela sociedade em que vive.

Vidas Sêcas é a estória do homem mergulhado em situações, cujo único meio de sobrevivência é a aceitação. A revolta vem, ronda o “cabra” — *Mas agora rangia os dentes, soprava* [Fabiano]. *Merecia castigo?* (pág. 70. par. 3) — mas sem ponto onde se estribe tem que “arribar”.

Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a idéia de abandonar o filho naquele descampado (pág. 44, par. 5).

Sem pouso, faminto, meio nu, meio morto, o homem é tentado a ser bicho, mas a regressão do espírito humano é mais difícil que a sua ascensão. Vem a reação — *Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato* (pág. 44, par. 5).

Ausente do companheiro, a cachorra Baleia tomou a frente do grupo. Arqueada, as costelas à mostra, corria, ofegando, a língua fora da boca. E de quando em quando se detinha, esperando as pessoas, que se retardavam (pág. 45, par. 2).

A figura do cachorro acompanha a do homem do Nordeste. Graciliano está atento para isso. As Baleias, os Tubarões, as Tainhas sucedem-se. Por que sempre nomes de peixe? Para “puxar água”, companheiro?

Desejou ver aquilo de perto, levantou-se, botou o aió a tiracolo, foi buscar o chapéu de couro e a espingarda de pederneira (pág. 154, par. 4).

Fabiano atentou na mulher e nos filhos, apanhou a espingarda e o saco dos mantimentos, ordenou a marcha com uma interjeição áspera (pág. 163, par. 6).

Outra fiel inseparável do sertanejo — a espingarda.

Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disso (pág. 45, par. 3).

A imagem daqueles que se dilaceram uns aos outros. A necessidade impõe certas atitudes por parte do homem.

Não podia deixar de ser mudo [o papagaio]. Ordinariamente a família falava pouco (pág. 45, par. 3 e pág. seg.).

Graciliano Ramos insiste no fato de que a família de Fabiano falava pouco para demonstrar o baixo nível cultural do homem, que nem a linguagem tem ao seu dispor, para usá-la, como deveria. Negam-lhe tudo: até o direito de falar! Não lhe dão escolas, não lhe dão trabalho digno, não lhe dão possibilidades de vida razoáveis. A êle só fica a sêca.

Avizinhou-se da casa, bateu, tentou forçar a porta. Encontrando resistência, penetrou num cercadinho cheio de plantas mortas, rodeou a tapera, alcançou o terreiro do fundo, viu um barreiro vazio, um bosque de catingueiras murchas, um pé-de-turco e o prolongamento da cerca do curral (pág. 47, par. 2).

Retrato de ambiente nordestino — casa da fazenda.

Quadros como êste se sucedem em *Vidas Sêcas*.

Aquilo era caça bem mesquinha, mas adiar a morte do grupo. E Fabiano queria viver. Olhou o céu com resolução (pág. 48, par. 4).

O homem que luta com coragem. O sertanejo oprimido, não o sertanejo passivo.

Em outro plano, o velho tema do homem que luta contra a natureza, ainda que com fôrças inferiores a ela. O tema da grandeza do homem investindo contra os mais terríveis obstáculos.

Caminhando, movia-se como uma coisa, para bem dizer não se diferenciava muito da bolandeira de seu Tomás (pág. 49, par. 2).

E êle, Fabiano, era como a bolandeira. Não sabia porque, mas era (pág. 49, par. 4).

O homem-coisa. O homem à mercê de outros. O homem à mercê de uma terra ingrata e de um govêrno ausente.

A aragem morna sacudia os xiquexiques e os mandacarus (pág. 50, par. 1).

Graciliano enche seu livro de plantas da catinga. Se vêm repetidas, é como estão lá — fidelidade à criação primeira.

Sinha Vitória remexeu no baú, os meninos foram quebrar uma haste de alecrim para fazer um espêto (pág. 48, par. 5).

Os meninos quebram uma haste de *alecrim*, não uma haste de pau. Graciliano sempre trazendo ao leitor os hábitos das bandas que descreve. Em outro trecho, há a *porteira da baráúna*, que poderia ser só a *porteira*. E assim por diante.

A fazenda renasceria — e êle, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria o dono daquêle mundo (pág. 51, par. 1).

O sertanejo consegue ser também o vencedor, em sonhos, como qualquer outro homem. É grande — é grande porque sonha.

Não há sêca que espezinhe, por completo, esperança em coração de gente. A par e passo com o regional, o universal — a grandeza da obra de Graciliano Ramos.

Fabiano curou no rasto a bicheira da novilha rapôsa. Levava no aió um frasco de creolina, e se houvesse achado o animal, teria feito o curativo ordinário. Não o encontrou, mas supôs distinguir as pisadas dêle na areia, baixou-se, cruzou dois gravetos no chão e rezou. Se o bicho não estivesse morto, voltaria para o curral, que a oração era forte (pág. 52, par. 1).

Os costumes e as credices do sertanejo trazidas, por Graciliano Ramos, a quem o lê.

E, pensando bem, êle não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, — a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra albeia, cuidava de animais albeios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra (pág. 53, par. 5).

Fabiano, o homem inseguro, gerado pelo sistema social a que se liga.

Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano (pág. 54, par. 7).

A problemática do homem e da terra no Brasil. Tôdas as nossas observações, provadas no texto, confirmam *Vidas Sêcas*, exemplo de literatura-metalinguagem da sociologia.

Vivia longe dos homens, só se dava bem com os animais (pág. 55, par. 3).

Com os animais êle "é" — no meio de homens êle se perde — confunde-se com o nada.

Seu Tomás, vessemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho aos outros (pág. 57, par. 4).

As classes são estanques nessa sociedade. Não há jeito do homem alçar-se.

Via-se perfeitamente que um sujeito como êle não tinha nascido para falar certo (pág. 58, par. 1).

Agora tinham obrigação de comportar-se como gente da laia dêles (pág. 60, par. 6 e pág. seg.).

São frases estereotipadas. A sociedade fala pela bôca de Fabiano. São frases "xavão", não tinha nascido para... , gente da laia... Denotam aceitação por parte do homem.

...amarrrou as notas na ponta do lenço, meteu-as na algibeira, dirigiu-se à bodega do seu Inácio, onde guardara os picuás (pág. 62 par. 2).

As minúcias — não só essas, mas um mundo delas, que caracterizam a vida quotidiana, os costumes do nordestino. O livro-documento da vida do sertão.

Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bolandeira (pág. 63, par. 5).

Impressionado pelo que desconhece — o govêrno.

Noção deturpada de direitos e deveres.

Levantou-se e caminhou atrás do amarelo, que era autoridade e mandava (pág. 63, par. 7).

O soldado, magrinho, enfezadinho, tremia. E Fabiano tinha vontade de levantar o facão de nôvo. Tinha vontade, mas os músculos afrouxavam (pág. 144, par. 2).

O homem deformado pelas relações deprimentes que mantém com outros.

O Doutor Juiz de direito foi brilhar na porta da farmácia; o cobrador da prefeitura passou coxeando, com talões de recibos debaixo do braço... (pág. 65, par. 1).

A cidadezinha do interior do norte e nordeste do Brasil retratada, com fidelidade — seus habitantes, sua vida social.

Na catanga êle às vêzes cantava de galo mas na rua encolhia-se (pág. 65, par. 2).

Êle está fora do mundo “da rua” — não o conhece, não é o seu. A êle pertencem o sol, a terra quente, as vacas para tratar.

Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu (pág. 66, par. 9).

Para o “cabra” não há leis — há abusos.

Govêrno, coisa perfeita e distante não podia errar (pág. 70, par. 5).
— *Govêrno é govêrno* (pág. 152, par. 4).

Frases estereotipadas. Fabiano repete, para si mesmo, o gravado em seu espírito pela sociedade.

O govêrno erra, mas *não podia errar* — transfere-se a culpa para o soldado amarelo.

Pobre de Sinha Vitória, cheia de cuidados, na escuridão (pág. 72, par. 2).

Ciente de uma coisa o homem está: de suas impossibilidades. O pensamento de Sinha Vitória e os meninos, lá na fazenda, sempre vem à tona, para Fabiano, êle prêso, sem poder fazer coisa alguma, na cadeia.

O soldado amarelo era um infeliz que nem merecia um tabefe com as costas da mão. Mataria os donos dêle. Entraria num bando de cangaceiros e faria estragos nos homens que dirigiam o soldado amarelo (pág. 75, par. 2).

O soldado amarelo também é coisa, tem dono. Êle também é uma vítima de seu meio social.

Graciliano Ramos, pensando-se bem, poderia ter dito isso de outra maneira que não através do pensamento de Fabiano. Aqui se entende haver muita interferência do autor na psicologia do personagem. Essa é uma compreensão elevada demais para Fabiano; êle poderia, sim, pensar na luta contra o soldado amarelo e o resto, mas não em seus *donos*.

O precioso dessa passagem está na compreensão de que a sociedade, mal equilibrada em relação a seus membros, gera as delinquências, os crimes. Para ir de encontro às injustiças que lhe fazem, Fabiano vê sômente uma saída — o cangaço, o crime: única forma de revolta e reivindicação aberta ao sertanejo desprezado.

...o rosário de contas brancas e azuis desprendeuse do cabeção e bateu na panela (pág. 76, par. 1).

O nordestino reza. Tem um Deus.

Deu um pontapé na cachorra, que se afastou humilhada e com sentimentos revolucionários (pág. 77 par. 2).

Escorraçada, sem razão, Baleia se afasta descontente. A injustiça gera a revolta. E o que vale para Baleia vale para Fabiano, Sinha Vitória, os meninos — vale para pessoas, enfim.

Esquecera a vida antiga, era como se tivesse nascido depois que chegara à fazenda (pág. 80, par. 5).

O homem tem uma enorme capacidade de superação dos próprios sofrimentos.

Junto a isso, a denúncia — o Nordeste, repleto de nordestinos, está aí para renascer.

Deus não havia de permitir outra desgraça (pág. 81, par. 3).

Frase estereotipada.

O sertanejo é religioso — não se trata de afirmar o contrário. Aqui, porém, a frase de Sinha Vitória é eco do que ela ouve — eco da sociedade em que está engajada.

O menino mais nôvo contempla Fabiano:

Metido nos couros, de pederneiras, gibão e guarda-peito, era a criatura mais importante do mundo (pág. 85, par. 2).

Tôda sociedade tem seus valores. No sertão, o vaqueiro é homem de posição invejada por muitos — é um valor dentro de sua sociedade.

O menino mais nôvo, extasiado, por ver Fabiano amansando um brabo:

Trepado na porteira do curral, o menino mais nôvo torcia as mãos suadas, esticava-se para ver a nuvem de poeira que toldava as imburanas (pág. 85, par. 4).

Assim se formam os heróis de um menino e os valores de um homem — de berço. Graciliano Ramos e a psicologia.

...foi puxar a manga do vestido da mãe, desejando comunicar-se com ela. Sinha Vitória soltou uma exclamação de aborrecimento, e, como o pirratbo insistisse, deu-lhe um cascudo (pág. 86, par. 2).

Quem é obrigado a calar, em pequeno, não saberá falar, quando adulto.

Baleia, séria, desaprovava tudo aquilo (pág. 90, par. 3).

Baleia desaprova e o menino espoja-se. Onde está a linha divisória entre homem e bicho? Perdendo-se.

Sinha Vitória catava piolhos no filho mais velho... (pág. 87, par. 4)

A concepção de higiene de nordestino: os meninos de piolho, sempre sujos, "espojando-se na terra" — E isso é natural para eles, tanto como a escola, o jardim, para meninos de outro nível social. Levar a escola, o jardim, os brinquedos ao sertanezinho seria pro-

porcionar ao sertanejo desprezado a condição humana a que tem direito. Sem dizer palavra sobre ela, a denúncia, sempre presente.

Sentou-se, apalpou as juntas doídas. Fôra sacolejado violentamente, parecia-lhe que os ossos estavam deslocados (pág. 90, par. 2).

É o resultado de o menino mais nôvo querer amansar brabo, usando um bode. Mas termina sempre assim para o menino e para o homem dessa terra — batido.

Estrankando a linguagem de Sinha Terta, [o menino] pediu informações. Sinha Vitória, distraída, aludiu vagamente a certo lugar ruim demais, e como o filho exigisse uma descrição, encolheu os ombros (pág. 92, par. 1).

A menino não se explica coisa alguma. Não se criam homens para raciocinar, mas bichos para aceitar o que lhe é impôsto.

O menino mais velho é o menino nordestino e o Fabiano e a Sinha Vitória de um punhado de anos atrás. A curiosidade desponta — a inteligência — mas é para ser sufocada na poeira que sobe da terra quente.

Sinha Vitória impunha-se, autoridade visível e poderosa. Se houvesse feito menção de qualquer autoridade invisível e mais poderosa, muito bem. Mas tentara convencê-lo dando-lhe um cocorote, e isto lhe parecia absurdo (pág. 98, par. 4).

A aceitação incondicional a tudo é incutida, inconscientemente, de pai a filho.

Esfregou as mãos finas, esgravatou as unhas sujas (pág. 99, par. 3).

Como Fabiano esfrega as mãos e esgravata as unhas. Aprende-se tudo: a vaquejar, a passar fome, a humilhar-se, a esgaravatar as unhas.

O menino continuava a abraçá-la. E Baleia encolhia-se para não magoá-lo, sofria a carícia excessiva (pág. 101, par. único).

Se o menino não se comunica com as pessoas, procura os animais. Como você, Fabiano. A “doença” não é hereditária, é adquirida. Precisa ser evitada.

Dentro em pouco o despotismo de água ia acabar, mas Fabiano não pensava no futuro (pág. 104, par. 3).

Por defesa própria, o homem busca uma filosofia de vida que se enquadre ao meio social a que está ligado.

A catinga amarelecera, avermelhara-se, o gado principiava a emagrecer e horríveis visões de pesadelo tinham agitado o sono das pessoas (pág. 104, par. 3).

A catinga “pega fogo” de sol e o homem “pega fogo” de nervoso. Homem x paisagem integrados.

Sinha Vitória moveu o abano com força para não ouvir o barulho do rio, que se aproximava (pág. 106, par. 1).

Ruim sem água, ruim com água. A família de Fabiano teme a enchente possível.

O homem sem ajuda e já sem caverna, como enfrentar a natureza, só, num corpo a corpo?

A briga era sonho, mas Fabiano acreditava nela (pág. 106, par. 4 e pág. seg.).

Nem só de pão vive o homem — mesmo o nordestino. Vejam só! Um homem! Ele é um homem também!

As vacas vinham abrigar-se junto à parede da casa, pegada ao curral, a chuva fustigava-as, os chocalhos batiam. Iriam engordar com o pasto novo, dar crias. O pasto cresceria no campo, as árvores se enfeitariam, o gado se multiplicaria. Engordariam todos, ele Fabiano, a mulher, os dois filhos e a cachorra Baleia (pág. 107, par. 1).

O destino das vacas é o destino de Fabiano e da família. Aqui não há homens e animais — há viventes do Nordeste.

A barba ruiva e emaranhada estava invisível, os olhos azulados e imóveis fixavam-se nos tições, a fala dura e rouca entrecortava-se de silêncios. Sentado no pilão, Fabiano derreava-se, feio e bruto, com aquele jeito de bicho lerdo que não se agüenta em dois pés (pág. 107, par. 3).

Mais um retrato do sertanejo, e dos mais fiéis, que Graciliano oferece.

Teimava em calçar-se como as moças da rua — e dava topadas no caminho (pág. 111, par. 2).

Desejo da classe inferior de imitar outra mais alta. A moda evidencia isso.

Não se arriscaria a prejudicar a tradição, embora sofresse com ela (pág. 115, par. 2 e pág. seg.).

O homem, muitas vezes, tem atitudes estereotipadas — apreendidas da sociedade e repetidas sem a compreensão do seu sentido.

Todos lhe davam prejuízo (pág. 116, par. 1 e pág. seg.).

A imagem, sempre repetida, do homem espoliado.

Bebeu ainda uma vez e empertigou-se, olhou as pessoas desafiando-as (pág. 118, par. 3).

A cachaça, para o homem de certas partes do interior do Brasil, é fatalidade. Beber é escapar, é afirmar-se como indivíduo.

Ouvindo o tiro e os latidos, Sinha Vitória pegou-se à Virgem Maria e os meninos rolaram na cama, chorando alto. Fabiano recolheu-se (pág. 130, par. 1).

Morre alguém da família de Fabiano. Há muita diferença nas relações Fabiano x meninos e Fabiano x Baleia?

Fabiano recebia na partilha a quarta parte dos bezerras e a terça dos cabritos. Mas como não tinha roça e apenas se limitava a semear na vazante uns punhados de feijão e milho, comia da feira, desfazia-se dos animais, não chegava a ferrar um bezerro ou assinar a orelha de um cabrito. (pág. 135, par. 1).

Descrição do nível econômico do homem da classe de Fabiano. Convite, aparentemente desprezioso, à análise de fatos que depõem de uma organização social.

Vidas Sêcas, o romance sociológico, o romance político.

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fôsse procurar serviço noutra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou (pág. 136, pars. 3 e 4).

Sem condições de reagir ao que deve, o homem deforma-se e chega à submissão de bicho ameaçado de pau.

Mas o cobrador da prefeitura chegara com o recibo e atrapalhara-o (pág. 137, par. 6 e pág. seg.).

A ignorância é a culpada das amarguras de Fabiano; não os cobradores, os soldados amarelos, os patrões.

— *Um dia um homem faz besteira e se desgraça* (pág. 139, par. 3).

Atitude do indivíduo, alvo impotente de injustiças sociais de toda sorte. Contra ele, um sistema organizado inteiro. Sabe disso, mas para quê, que jeito?

As "besteiras" são resultantes, não causas. Têm que ser combatidas como tal.

Sinha Terta é que se explicava como gente da rua (pág. 141, par. 4).

Separação nítida — cidade x brenhas.

Baixou a cabeça, coçou os pêlos ruivos do queixo. Se o soldado não puxasse o facão, não gritasse, ele, Fabiano, seria um vivente muito desgraçado (pág. 150, par. 2).

Graciliano Ramos é profundo em suas observações. É um conhecedor da alma humana. Estuda os estados psicológicos do homem. Busca-lhes as origens para compreender as atitudes dos indivíduos e chegar às suas apreciações sociológicas.

Fabiano, meu filho, tem coragem. Tem vergonha, Fabiano. Mata o soldado amarelo. Os soldados amarelos são uns desgraçados que precisam morrer. Mata o soldado amarelo e os que mandam nêlo (pág. 157, par. 1).

A revolta é a única saída, Fabiano. A opinião política de Graciliano Ramos transparece através de sua obra. Fabiano tem pensamen-

tos circulares: vai-volta, crê-descrê, revolta-se-aceita, mas no seu íntimo, Graciliano incute o conhecimento das coisas — sabe que a solução é destruir, destruir os motivos de sua opressão.

A cólera dêle se voltava de nôvo contra as aves (pág. 157, par. 4.).

O indivíduo, perturbado pela sua condição subhumana, é um revoltado em potencial. Sua cólera é lançada sem direção. A maioria das vêzes, para o ponto errado.

Só lhe restava [a Fabiano] jogar-se ao mundo, como negro fugido (pág. 161, par. 2).

É uma escravidão camuflada, a de Fabiano, mas é escravidão.

O mundo é grande (pág. 167, par. 1).

Expressão estereotipada. Para você, Fabiano, também êle é assim?

Foram descansar sob os garranchos de uma quixabeira, mastigaram punhados de farinha e pedaços de carne, beberam na cuia uns goles de água (pág. 168, par. 2).

Graciliano leva, pela mão, a família de Fabiano para onde a encontra, no princípio de seu romance — para a desgraça da vida de retirante, fugido das sêcas.

Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinha Vitória e os dois meninos (pág. 172, par. 3).

É o final bordado de esperança — daquela mais difícil de secar que pé de mandacaru já criado.

É o testemunho do fato social do campo abandonado pelo homem, que ocorre às cidades. Uma advertência, talvez, implícita nesta observação.

É a denúncia do escritor, que vê nesse abandono à terra, a única possibilidade de melhora para o homem que luta, só, na terra amada, mas ingrata, em que nasceu.

TAXA DE INFORMAÇÃO DA MENSAGEM DE GRACILIANO RAMOS

A mensagem lingüística pode ter uma função referencial ou emotiva.

Vidas Sêcas apresenta-se como mensagem com função emotiva, que traz, a seu receptor, emoções, associações, atitudes. A mensagem que chega a um *denotatum* global, através de conotações, que despertam, no receptor, comportamentos afetivos.

Um tratado de sociologia, uma nota de jornal sôbre determinado acidente de automóvel seria uma mensagem com função refe-

rencial, onde os seus elementos estariam dispostos a fim de definir algo bem compreensível e claramente ao receptor.

Note-se, no entanto, que não é realizável a mensagem somente emotiva ou somente referencial, uma vez que o fato da linguagem ser referencial ou emotiva depende do seu uso e do contexto em que é lançada. Para um estrangeiro, por exemplo, que não saiba coisa alguma sobre as sêcas de nosso Nordeste, nem sobre Graciliano Ramos, mesmo sendo um indivíduo de capacidade intelectual mediana, ao ouvir o comentário sobre um livro de um certo Graciliano Ramos, que enfoca a região Nordeste do Brasil, com o título de *Vidas Sêcas*, não recebe a mesma mensagem que um de nós, brasileiros, ao ouvir sobre este mesmo assunto. Para o primeiro, passam despercebidas as conotações implicadas nesta mensagem, para o segundo tão claras, uma vez que, de pronto, associa *sêcas* com a desgraça do nordestino, com as condições climáticas do nosso país, etc. Partindo daí, pode-se chegar à afirmativa, também, de que o valor na elaboração da mensagem estética está em transformar a mensagem referencial em emotiva e, às vezes, a emotiva em referencial.

A taxa de informação contida numa mensagem é proporcional à sua originalidade. A capacidade informacional de *Vidas Sêcas* está ligada, justamente, a essa originalidade na elaboração da mensagem estética.

A escolha dos sinais lingüísticos, feita por Graciliano Ramos na elaboração da sua mensagem, torna-a original e favorece a percepção mais aguda da mesma, por parte de seu fruidor (2).

Arrastaram-se para lá, devagar, Sinha Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de fôlha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuiá pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás (pág. 43, par. 2).

Por que não Valério, Lino, Firmino para os filhos de Fabiano e sim o *menino mais novo* e o *menino mais velho*? A conotação contida em *o menino mais novo* e *o menino mais velho* é valiosa para a percepção da mensagem de Graciliano Ramos — o não falar sobre os meninos, dando-lhes nomes, conota que eles estão desumanizados. Gente tem nome — bicho, não. Baleia, cachorra, no entanto, tem nome. O nome que as crianças não receberam. Graciliano Ramos faz com que ela goze os privilégios dos homens, para denotar claramente com isso, que se bicho = gente, gente = bicho.

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou, acuado, depois sossegou, deitou-se, fechou os olhos. Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que êle

se levantasse. Como isto não acontecesse, espiou os quatro cantos, zangado, praguejando baixo (pág. 43, par. 5).

A escolha dos sinais lingüísticos *fustigou, esperneou, acuado* é proposital e decisiva para a elaboração desta mensagem — contribui para torná-la mensagem-significante, geradora de significados. A cena descreve um pai insistindo com o filho para que ande, mas ela sugere, conota alguém botando um animal empacado para andar. Então, temos uma mensagem significativa (a do pai com o filho) que tem um significado (o do animal “tocado”). Por sua vez, êste significado de animal fustigado para andar, torna-se significante de outro significado: o de homens que são tomados por bichos. Forma-se uma cadeia infinita de significante-significado-significante-significado...

Sinha Vitória aprovou êsse arranjo, lançou de nôvo a interjeição gutural, designou os juazeiros invisíveis (pág. 44, par. 5 e pág. seg.).

A fruição de uma obra de arte a completa. A mensagem se enriquece ou se empobrece de conotações, a depender de seu fruidor.

A *interjeição gutural* pode ser tomada aí, por alguém, como impossibilidade de expressão devido ao baixo nível cultural do nordestino. Outro a isso acrescentaria as limitações do homem, que os torna bichos. Com a observação mais apurada, obtém-se outra informação — o “nada ter” do sertanejo, através da apresentação da sua linguagem, como ela realmente é: minguada, carente de variedade.

Ainda um mesmo receptor pode variar a sua fruição diante de uma obra de arte. Novas experiências, acumuladas posteriormente a determinada observação dessa mesma obra de arte, podem capacitá-lo a perceber conotações na mensagem, que, anteriormente, era-lhe impossível perceber.

Quanto mais rica fôr a informação, maior número de escolhas haverá a partir da mensagem-significante.

— *Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai* (pág. 43, par. 4).

— *Anda, excomungado* (pág. 44, par. 2).

Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato (pág. 44, par. 5).

Desde que se está inserido no mesmo modelo cultural de Graciliano Ramos, captam-se as possíveis conotações que essas palavras trazem:

O nordestino é um homem religioso. Excomungado e condenado do diabo têm, para êle, o sentido daquele que é desgraçado ao extremo (a ponto de dar sua alma ao diabo). O xingamento, aí, define a situação infeliz do menino. Já anjinho = inocente. Mensagem obtida pelo autor através do uso dêsses sinais lingüísticos, nas situações em que vêm: o pequeno (nordestino) é o desgraçado inocente.

Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos (pág. 53, par. 2).

... *Sinha Vitória tropicava debaixo do baú de trens* (pág. 73 par. 4).
Debaixo dos couros, Fabiano andava banzeiro, pesado, direitinho um urubu (pág. 90, par. 1).

Mas rou-se [Fabiano] com a comparação, deu marradas na parede (pág. 73, par. 1).

De perneiras, gibão e guarda-peito, andava metido numa caixa, como tatu, mas saltava no lombo de um bicho e voava na catinga (pág. 115, par. 2).

Temos, em *Vidas Sêcas*, muitos outros exemplos semelhantes a estes, que nos permitem chegar a um *denotatum* global — os homens são como bichos.

Na primeira citação temos que Fabiano e a família eram como ratos. Ora, o sinal lingüístico “rato” denota *pequeno quadrúpede roedor, de pequenas patas, cauda comprida e focinho bicudo, e de que há várias espécies...* (3) Conota, no entanto, o que vive em condições precárias de vida. (É mais: o que rouba, por exemplo, e que não é o caso aqui, na situação em que está empregado.) Fabiano e a família vivem como eles — moram como eles. Graciliano, observando as circunstâncias em que o homem se encontra, associa-o aos animais — se ele está procedendo ou com a aparência de um deles, torna-se seu semelhante.

... *encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra* (pág. 53, par. 5).

Graciliano mostra ao seu receptor-leitor a conotação do sinal “branco”, para Fabiano, de acôrdo com o contexto social em que está inserido: o que tem nível sócio-econômico elevado. E “cabra”: o homem comum, trabalhador do campo do Nordeste.

Através de Graciliano Ramos, autor onisciente, conhecem-se os monólogos interiores de Fabiano e toma-se contacto com o mundo do sertão.

Homem bom, Seu Tomás da bolandeira, homem aprendido (pág. 73, par. 3).

Com uma pancada certa do chapéu de couro, aquêlê tico de gente ia ao barro (pág. 65, par. 2).

— *Seu Tomás, vossemecê não regula* (pág. 57, par. 2).

Ouvindo o tiro e os latidos Sinha Vitória pegou-se à Virgem Maria... (pág. 130, par. 1).

... *comia da feira [Fabiano]* (pág. 135, par. 1)

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou (pág. 136, par. 4).

O sarapatel se formara, o cabo abriu caminho entre os feirantes que se apertavam em redor (pág. 16, par. 5 e pág. seg.). (Os destaques não são do autor de *Vidas Sêcas*.)

Na mensagem estética, além de seu elaborador preocupar-se com a sua estrutura, cuida, também, da atenção do seu receptor para

com ela. Daí uma expressão como *baixou a pancada* comunicar muito mais do que se acalmou, forma corriqueira de expressão. A um ser humano não se informa simplesmente — comunica-se.

Os sinais lingüísticos escolhidos para descrever o mundo sertanejo são os de uso corrente entre os seus habitantes. Maior informação da região pelo contacto com sua realidade lingüística.

Vidas Sêcas é todo pontilhado de exemplos semelhantes a êsses que escolhemos.

Tudo sêco em redor. E o patrão era sêco também, arreliado, exigente, ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru (pág. 60, par. 3).

O paradigma para tudo é a terra. Significado da mensagem: a terra regula tudo. Essa mensagem estética traz a seu receptor a emoção antes que êste apreenda seu significado. O período curto, as palavras duras, a comparação grosseira — *como um pé de mandacaru* — agem de imediato sôbre o receptor.

Deu-se aquilo porque Sinha Vitória não conversou um instante com o menino mais velho. Ele nunca tinha ouvido falar em inferno. Estranhando a linguagem de Sinha Terta, pediu informações. Sinha Vitória, distraída, aludiu vagamente a certo lugar ruim demais, e como o filho exigisse uma descrição, encolheu os ombros (pág. 92, par. 1).

O homem precisa achar o sentido de tudo. O menino mais velho tem um significante e quer um significado para êle. Apesar de arbitrária a relação significante x significado, é indispensável, para quem fala, associar o significante a um significado. Êsse capítulo de *Vidas Sêcas* (4) poderia ter o nome de "Busca do significado inerente à inteligência humana". Quando o receptor de uma mensagem é o homem, não pode colhêr sinais, como as máquinas, desprovidos de significados, que irão denotar algo. O homem quer possuir o "sentido" de tudo. Só "é" aquilo que tem sentido.

O inferno devia estar cheio de jararacas e suçuaranas, e as pessoas que moravam lá recebiam cocorotes, puxões de orelhas e pancadas com bainha de faca (pág. 100, par.4).

O homem só pode criar a partir do modelo cultural em que está enquadrado.

E Baleia encolhia-se para não magoá-lo, sofria a carícia excessiva (pág. 101, par. único).

A desordem no uso do código lingüístico, bem controlada, traz a originalidade, que aumenta o grau de informação da mensagem. *Sofria a carícia* — uma desordem na tomada dêstes sinais se a compararmos com uma ordem anterior, a que estamos acostumados.

O amarelo devia saber isso (pág. 146, par. 5, pág. 149).

Em relação ao soldado amarelo, que é mais um sem nome em *Vidas Sêcas*, pois é instrumento. Como o patrão, o "desumano".

Se Graciliano explicasse a posição do soldado, do patrão, relacionasse tudo isto com os meninos sem nome, etc., daria a seu leitor então, uma informação semântica e não uma informação estética, onde o emissor da mensagem tem grande liberdade na escolha de seus elementos e onde a maneira pela qual se diz alguma coisa é de extrema importância.

Não se contam as vezes que Fabiano esfrega as mãos, ao longo de *Vidas Secas*, quantas esgaravata as unhas. E nem, também, quantas vezes o casal emite "sons guturais" ao querer expressar-se, ou quantas referências faz a Seu Tomás da bolandeira e às secas.

A repetição, em *Vidas Secas*, tem missão informativa — não denota pobreza vocabular ou de técnica de seu autor mas, muito ao contrário. A circularidade das secas está identificada com essas situações repetidas. Elas, em conjunto, denotam o "círculo de ferro" em que o nordestino está preso.

Ainda sobre a repetição:

Do parágrafo primeiro da pág. 49, onde começa *Fabiano tomou a cuia...* até o fim do capítulo (*Mudança*), Graciliano Ramos, através de sua técnica de narrativa, traz a circularidade do pensamento de Fabiano, que conota seu mundo subjetivo, sua psicologia e identifica-o com o mundo objetivo da catinga, de paisagem repetida, de xiquexiques, de mandacarus, de baraúnas e mais um punhado de outras plantas. Identifica-o com o céu, com a Lua, com as estrelas, que sempre conta uma a uma. *Denotatum* global: o condicionamento do homem ao meio em que vive.

Nas folhas de *Vidas Secas* à nossa frente, temos sinais. Graciliano Ramos dispôs estes sinais com intenções determinadas. É preciso que o leitor aja, em contacto com eles, para que os mesmos ganhem expressão. O papel do fruidor de uma mensagem estética é, repete-se, de importância capital para a decodificação da mesma.

As possibilidades variadas de interpretação de uma mensagem estética, por parte do receptor, já se viu, enriquece-a em informação.

De uma segunda leitura desse mesmo trecho final do capítulo, pode-se encontrar para a mensagem-significante de Graciliano um outro significado: ela é mensagem-significante geradora de significados. Relacionando tempo e literatura:

Graciliano explora aqui o tempo subjetivo, onde presente, passado e futuro misturam-se com experiências do indivíduo. A isto soma valores afetivos, trazendo o tempo psicológico.

O modo pelo qual o homem "trata" o tempo está a depender de experiências pessoais suas. Quando se têm experiências intensas, o tempo parece "correr". Quando se está aborrecido, o tempo "se arrasta". Quando o tempo "se arrasta", parece parado, o indivíduo es-

capa para uma época do passado ou tem planos esperançosos para o futuro.

Graciliano Ramos, através do tratamento dado por Fabiano ao tempo, comunica o grau de sofrimento deste personagem — sofrimento que o leva a um torpor tristonho, situação que faz o tempo “arrastar-se” para êle, determinando sua evasão para o passado ou para o futuro.

Era melhor esquecer o nó e pensar numa cama igual à de seu Tomás da Bolandeira. Seu Tomás tinha uma cama de verdade, feita pelo carpinteiro, um estrado de sucupira alisado a enxó, com as juntas abertas a formão, tudo embutido direito, e um couro cru em cima, bem esticado e bem pregado. Ali podia um cristão estirar os ossos (pág. 83, par. 3).

O monólogo interior, que leva o homem, freqüentemente, a tempos diferentes, conduz Sinha Vitória ao passado (“à busca do tempo perdido” — Proust). Seu Tomás da Bolandeira é tomado por ela (e também por Fabiano) como um símbolo da projeção para o passado.

Seu Tomás da Bolandeira, aliás, ainda pode ser tomado como símbolo do respeito ao saber, como a impossibilidade do homem simples do sertão subir de classe.

O vocabulário dêle era pequeno, mas em horas de comunicabilidade enriquecia-se com algumas expressões de Seu Tomás da Bolandeira. Pobre de Seu Tomás. Um homem tão direito sumir-se como cambebe, andar por êste mundo de trouxa nas costas. Seu Tomás era pessoa de consideração e votava. Quem diria? (pág. 63, par. 2)

Há sempre liberdade de escolha, por parte do receptor-leitor, a partir de suas estruturas mentais, de como encarar os elementos da mensagem estética-obra literária, encontrando para a mesma, uma significação que está ali, mas não é a única; está junto a muitas outras também possíveis. A obra de arte contemporânea caracteriza-se por essa abertura à sua fruição, uma vez que seu autor, de um modo consciente, prepara mensagens nesse sentido. Tôda obra de arte, no entanto, pode ser considerada aberta, sob o ponto-de-vista de sua fruição.

Provavelmente aquelas coisas tinham nomes. O menino mais nôvo interrogou-o com os olhos. Sim, com certeza as preciosidades que se exibiam nos altares da igreja e nas prateleiras das lojas tinham nomes. Puseram-se a discutir a questão intrincada. Como podiam os homens guardar tantas palavras? Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimentos. Livres dos nomes, as coisas ficavam distantes, misteriosas (pág. 124, par. 3 e pág. seg.).

É a procura do significante. Possui-se o referente (a coisa), mas não se tem o significante.

O problema da existência do referente não é de importância capital, como o da existência do significante e significado. Pode-se ver a coisa, o objeto: tem-se então, o referente, mas isso não satisfaz. No entanto, tendo-se o significante (inferno), se é obtido o seu significado, não se necessita do referente — não há necessidade de ver-se, de tocar-se o inferno — mas de saber-se sobre êle para compreendê-lo. O referente pode, às vezes, nem existir — é o caso, por exemplo, de uma criação fantástica, lendária, mitológica. Dela se tem o significante e o significado, mas não o referente.

Não tinham sido feitas por gente (pág. 124, par. 3 e pág. seg.).

Gente implica em invenção. É preciso nomear as coisas, os objetos, explicá-los, para dar-lhes sentido.

Descoberta a expressão teimosa, alegrou-se (pág. 120, par. 2).

É a procura da expressão. Graciliano Ramos faz intensas especulações sobre a linguagem. Comentando sobre homens de tão grandes limitações de expressão oral, serve-se disto para chegar a conclusões importantes, que transmite em suas mensagens.

Fabiano estava silencioso, olhando as imagens e as velas acesas, contrangido na roupa nova, o pescoço esticado, pisando em brasas (pág. 115, par. 2).

Sinha Terta é que tinha uma ponta de língua terrível (pág. 141, par. 4). (Os destaques não são do autor de *Vidas Secas*.)

É voltar a comentar sobre a perfeição dos estímulos estéticos, que abundam em Graciliano Ramos. Mas os exemplos em *Vidas Secas* são tantos e tão bons que se é “estimulado” a voltar ao mesmo ponto: o receptor-leitor não pode relacionar o significante *brasas*, por exemplo, somente ao seu significado denotativo, mas chegar a uma denotação global, a partir de uma relação entre outros significados.

O estilo de Graciliano Ramos tem parte ativa na construção da mensagem que êle emite. Dá-lhe conotações importantes: a sobriedade da linguagem e, às vezes, sua dureza mesmo, as orações e os períodos curtos são utilizados a fim de descrever uma paisagem pobre, um homem pobre, como ela, desprovido de muitas e muitas coisas que a êle caberiam por ser humano. É estilo sêco, para terra sêca, para homem sêco (desprovido).

Como o uso do condicional empresta à mensagem uma conotação de vago, do que poderia acontecer mas não se sabe se virá, própria à descrição das interiorizações dos personagens que lutam aguerriadamente e sem possibilidades de êxito!

Se êle soubesse falar como Sinha Terta, procuraria serviço noutra fazenda, haveria de arranjar-se (pág. 140, par. 1).

E as interiorizações de Fabiano e Sinha Vitória são demonstrações de uma técnica de narrativa que preenche o que se espera do autor.

A maleabilidade do estilo de Graciliano Ramos, na verdade, é muito grande. O autor lança mão disto para alcançar situações emotivas variadas, por parte do receptor-leitor de sua mensagem-obra de arte literária. Algumas vezes transforma o estilo "duro" em estilo cheio de musicalidade. É o caso em:

As goteiras pingavam, os chocalhos das vacas tiniam, os sapos cantavam (pág. 108, par. 1 e pág. seg.).

Transação do código lingüístico com o código musical.

Ainda a noção de ritmo:

"Chape-chape. Os três pares de alpercatas batiam na lama rachada, seca e branca por cima, preta e mole por baixo (pág. 52, par. 3).

1 2 3 4 1 2 1 2 3 4 1 2

— *Preguiçosos, ladrões, faladores, mofinos* (pág. 117, par. 1).

O ritmo marcado. Note-se como o autor coloca as palavras observando o número de suas sílabas.

Graciliano oferece "quadros" de grande beleza em *Vidas Secas* — transação com a pintura.

A família estava reunida em torno do fogo, Fabiano sentado no pilão caído, Sinha Vitória de pernas cruzadas, as coxas servindo de travesseiros aos filhos. A cachorra Baleia, com os trazeiros no chão e o resto do corpo levantado, olhava as brasas que se cobriam de cinza (pág. 102, par. 1).

Literatura e arte cinematográfica:

Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se (pág. 43 par. 3).

Comentam os críticos de Graciliano Ramos ser *Vidas Secas* um "romance desmontável". Este fato constitui, na opinião de alguns, demérito para seu autor. Isso representa, no entanto, vantagem para a apreensão da mensagem que Graciliano emite. Lido um capítulo curto — de uma só vez — que encerra um sentido próprio (e aqui sempre condizente com a denotação global do romance), como são os de *Vidas Secas*, o receptor, facilmente, apreende o denotatum global da mensagem recebida.

Graciliano Ramos consegue fazer de *Vidas Secas* o estímulo que conduz o indivíduo a situações de aprendizagem. Para que se dê a aprendizagem é preciso que o indivíduo sinta uma necessidade, que lhe provoque um desequilíbrio. Haverá, então, uma tentativa de volta à ordem normal, que terá sua meta na aprendizagem.

Graciliano Ramos lança seu estímulo, o receptor-leitor sente necessidade de compreender sua mensagem, tenta isso, obtém êxito,

aprende. Incorpora às suas experiências outras, que vão determinar novas situações de aprendizagem. Com isso, o leitor de Graciliano cresce, completa-se através da obra do artista.

DULCE MASCARENHAS

1 Todas as citações são extraídas de Ramos, Graciliano. *Vidas Secas*, 28.º ed., S. Paulo, Martins, 1971.

2 Id.

3 Figueiredo, Cândido. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Mérito, 1969. p. 821.

4 *O Menino mais Velho*, pág. 92.

BIBLIOGRAFIA

CAMPOS, Renato Carneiro de. *Arte, sociedade e região*. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1960.

ECO, Humberto. *Obra aberta*. 2.ª ed. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1971.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*, 28.ª ed. São Paulo, Martins, 1971.